

Economia Knorr

Os últimos 30 anos e os próximos 30 anos

Muita coisa pode ser feita em 30 anos. Foi em pouco mais ou menos do que o espaço de escassas três décadas que o Japão saltou da condição de país arrasado pela derrota na Segunda Guerra Mundial, totalmente desprovido de recursos naturais capazes de facilitar o seu desenvolvimento econômico e, do ponto de vista político, preso a estruturas quase feudais, para a de mais desenvolvida e mais rica das nações industriais e tecnológicas da atualidade. Foi em bem menos tempo do que isso que a Coréia do Sul saiu do limbo tribal, livrou-se da dominação, se organizou como nação independente e, dentro de condições naturais quase tão adversas quanto às do Japão, desenvolveu-se a ponto de se transformar talvez na mais dinâmica das chamadas economias em desenvolvimento, concorrendo, hoje, em pé de igualdade — e até com vantagens — com os "grandes" dentro de seus próprios mercados, não só em produtos da indústria tradicional, como também na "de ponta". Foi, finalmente, nos últimos 30 anos que o Brasil saltou da condição de país subdesenvolvido, dependente de monoculturas primárias, para a de nação industrial capaz de produzir o 8º PIB do mundo que é hoje.

Também foi em pouco mais de 30 anos que países como as antigas potências europeias perderam seus lugares na "primeira divisão", e que países "abençoados pela natureza", como a Argentina, por exemplo, puseram tudo a perder e regrediram quase até a estaca zero...

E foi do estudo paciente dessas histórias de êxito e de fracasso, postas ao lado da nova realidade criada pelo desenvolvimento das comunicações e pelo encurtamento das distâncias, que se produziram transformações radicais e reavaliações profundas na visão dos teóricos, dos sociólogos, dos cientistas, dos valores até então estabelecidos. Não há como evitá-lo: os novos fatos comprovam a falácia e a inadequação das idéias até então estabelecidas de sociedade, de nacionalidade, de identidade cultural e, mais evidentemente ainda que as demais, de economia e de economia nacional. Tudo aquilo que, neste campo, aparecia antes como fator determinante, hoje não passa de fator acessório: disponibilidade de matéria-prima, mercado interno, localização geográfica; todos esses fatores deixam de pesar decisivamente. Tudo aquilo que buscaram — por vias tortas ou menos tortas, mas sempre artificialmente — os teóricos da democracia, da "igualdade de oportunidades"; todos os que lutaram pelo fim dos privilégios, enfim, acabou-se impondo pela força da própria natureza: superada aquela idade do mundo em que a produção era o problema, o insumo humano passa a ser o único fator econômico determinante, nesta era da produção ilimitada e da "aldeia global". Assim, a verdadeira igualdade de oportunidades, a busca do talento, a valorização pelo esforço pessoal deixa de ser simples "reivindicação" teórica. Hoje é um imperativo econômico.

E no reverso dessa medalha, outra verdade se impõe. Se a boa qualidade do insumo humano é o único fator a determinar o êxito de uma sociedade, a má qualidade do insumo humano também é o único fator a explicar o seu fracasso. Eis o que justifica, em todas as sociedades modernas, o fim da era dos álibis, na busca dos bodes expiatórios, a falácia das teorias da "exploração". Está de volta a era da responsabilidade — individual e coletiva. Somos o que fazemos de nós mesmos.

É diante dessa nova perspectiva que se impõe em todo o mundo — e ai daqueles que se demoram a aceitar esta realidade, porque irão pagar o seu erro com a marginalização e com a pobreza — que vale a pena examinarmos mais detidamente aquilo que fomos; no que nos tornamos; o que ajudou e o que atrapalhou este nosso primeiro grande salto em direção à modernidade, para podermos especular sobre o que seremos.

Outro axioma sobre o qual existe, hoje, unanimidade, é o que afirma que o indivíduo, que o ser humano — esta parcela essencial do que chamamos de "sociedade" — abandonado aos impulsos do instinto combinado com a inteligência, características da espécie, tende naturalmente — descontadas as exceções que confirmam a regra — para o aperfeiçoamento técnico (criatividade) e para o progresso econômico, em última análise as "versões inteligentes" dos instintos de sobrevivência e de preservação e multiplicação da espécie. Nenhum animal sadio — e muito menos o "animal inteligente" — age deliberadamente contra esses instintos poderosos. Quando organizados em sociedades, o que determina os progressos ou retrocessos nestes campos é a boa ou má organização dessas sociedades; a coordenação do trabalho conjunto dos indivíduos que compõem essa sociedade na mesma direção apontada por este instinto natural ou na direção contrária àquela para a qual empurra esse instinto natural. Em outras palavras, a boa ou má gestão política dessa sociedade. Uma sociedade progride se ela é gerida politicamente a favor da sua tendência natural para o progresso; se os recursos que produz são utilizados para realimentar mais e mais essa tendência natural. Uma sociedade regredie se ela é gerida politicamente contra a sua tendência natural para o progresso; se se lhe atravessa a possibilidade de produzir, em vez de incentivá-la; se se utiliza o que ela consegue produzir não para realimentar, mas para dificultar a multiplicação e a livre expansão da produção.

Este ano estamos comemorando o trigésimo aniversário da implantação da indústria automobilística no Brasil. Ou seja, estamos comemorando o trigésimo aniversário do fato econômico que proporcionou o nosso primeiro grande salto em direção à modernidade; que marcou a entrada do Brasil na "era industrial". O automóvel já tinha sido inventado havia mais de 50 anos, então, e as técnicas para produzi-lo e tecnologias para aperfeiçoá-lo vinham sendo desenvolvidas havia igual número de anos nos países mais adiantados, enquanto nós, brasileiros, nos limitávamos a plantar café...

Mas, graças à inteligência e à sensibilidade de um homem — Juscelino Kubitschek — que, 30 anos atrás, já vislumbrava as vantagens desta fantástica oportunidade que a modernidade oferece que é a de aprender, incorporar, adaptar e melhorar as conquistas tecnológicas alheias em curíssimo espaço de tempo, importamos, sem restrições, a melhor indústria automobilística então disponível no mundo, com toda a sua tecnologia. Havia, sim, uma "reserva de mercado". Mas uma reserva de mercado inteligente: referia-se apenas às peças de reposição, e não à tecnologia, da qual, aliás, não dispúnhamos. Abria-se, também, a possibilidade de composição de capitais nacionais com os capitais estrangeiros que para cá vieram com essa indústria. E o que os fatos mostraram é o que a História nos conta: daí nasceu a nossa indústria de autopartes; daí nasceu a possibilidade de que os "Joses" aprendessem tanto e até mais e melhor do que os "Hans"; daí nasceu o novo Brasil, que se tornou a oitava economia do mundo. Apenas e tão-somente da conjugação de uma boa gestão política — sempre com as exceções que confirmam a regra — com o impulso natural dos brasileiros para o progresso; com o investimento na criatividade e na capacidade do insumo humano brasileiro.

Hoje o mundo vive outra grande revolução econômica. Se a revolução industrial resolveu o problema da produção, essa revolução, a tecnológica, está imprimindo uma velocidade ao desenvolvimento e ao progresso econômicos que fará o mundo transformar-se mais nas próximas décadas do que se transformou do início dos tempos até agora. E é nesses períodos de grandes transformações que se abrem, mais uma vez, as oportunidades para que as nações e as sociedades dêem saltos decisivos, para cima... ou para baixo.

Mas, ao contrário do que fizemos para recuperar o tempo perdido e entrarmos na era industrial, importando, adaptando e recriando tecnologias adquiridas fora, desta vez as forças políticas que se encontram no poder no Brasil empenham-se não em trazer para cá a tecnolo-

gia que não temos, para repetir a experiência que nos rendeu tão bons resultados no passado recente, mas sim em dificultar-nos o acesso a ela e até em impedir-nos o acesso a ela. Ao contrário do que aconteceu com a indústria automobilística, adotou-se a "reserva de mercado" burra, isto é, a que dispensa a própria galinha dos ovos de ouro. Para especular sobre o que seremos, se continuarmos nesse caminho, basta imaginar o que seríamos hoje, se nos tivessem obrigado a reinventar os automóveis...